

A FEITICEIRA DOS BANDIDOS NÃO EVITOU QUE FOSSEM APANHADOS

Por Maria de Lourdes Torcato

É uma mulher de 30 anos, magra e de feições duras, olhar fugidio e sorriso difícil. Foi trazida pelas FPLM da base de Tome-Inhambane, onde colaborava com os bandidos armados. Exercia a sua arte de «curar qualquer azar» através dos espíritos dos antepassados, com amuletos e mezinhas. Diz ser zimbabweana e tem 3 crianças pequenas consigo, pelo que está a ser tratada como qualquer civil moçambicano e vai ser entregue às autoridades do seu País.

Apesar do ambiente de solicitude criado à volta dela e dos seus três filhos e da simpatia da intérprete que com ela falou em «ximanica», a mulher revelou-se uma pessoa de contacto muito difícil. Iludia constantemente as perguntas, dava respostas disparatadas, tentava enganar os interlocutores.

Ela veio da base dos bandidos armados juntamente com alguns camponeses moçambicanos que lá se encontravam prisioneiros. Para eles, esta mulher é uma colaboradora do inimigo. Eles recusam-se a comer com ela à mesa e marginalizam-na.

Disse chamar-se Emilia Michele, ter nascido em 1953 e ser natural de Chirimandze, Gwelo. Quanto às datas relacionadas com a sua estadia com os bandidos, a quem ela trata de «irmãos», foi muito difícil apurar.

Perguntámos-lhe se sabia onde estava e respondeu: em Bulawaio. Como a nossa primeira reacção fosse de riso, disse: em Salisbúria, para acrescentar logo a seguir, que estava na «town».

Parecia não saber ou não querer admitir estar em Moçambique e em Maputo. Mas é também possível que sempre tenha vivido no campo e para ela qualquer cidade é apenas «town».

E se é verdade o que diz, que veio há cerca de três semanas para a base, para tratar os feridos e exercer a sua arte de curandeira, trazida de avião, é bem provável que tenha perdido a noção da distância e não tenha consciência de que atravessou a fronteira até ao interior de Moçambique.

— Como é que «os irmãos» a conheciam e foram buscar de avião?

— Já lhes «fiz consulta» muitas vezes antes. **Eu sou a mais famosa Muia Murape da região.** Desta vez abandonei o meu marido e trouxe as crianças comigo.

Em declarações anteriores ela tinha dito estar com os bandos armados há cinco anos. Segundo as pessoas que a acompanham desde que foi trazida da base onde permaneceu depois do ataque das FPLM, a feiticeira, mesmo que esteja na base de Tome há pouco tempo, deve colaborar com os bandidos

desde a guerra do Zimbabwe, os bandidos que actuavam em Moçambique eram uma extensão do exército rodesiano de Smith e de lá partiam para as incursões no nosso território.

Entretanto Emilia reage às fotografias tiradas com «flash» e ameaça o fotógrafo:

— Não sabes que a luz faz mal? As fotografias não vão sair. Os espíritos não vão deixar.

Procurámos cativá-la dizendo-lhe que só queríamos as fotos para mostrar no jornal uma grande Muia Murape.

— Isso tira-me a força.

À pergunta de como ganhava a vida na sua terra, ela diz que ganha muito dinheiro com os espíritos. Os «irmãos» pagavam-lhe. De facto as suas declarações coincidem com informações e testemunhos que confirmam a importância que os bandidos dão à feitiçaria, à sombra da qual se julgam protegidos contra os ataques do nosso exército.

Esta «grande Muia Murape» todavia, não os protegeu e se ela própria não fugiu ou não foi feita prisioneira foi por causa das crianças. Por razões humanitárias as Forças Armadas de Moçambique deram-lhes abrigo e protecção até ser entregue às autoridades do Zimbabwe.

Ela própria declarou que era consultada sobre os caminhos a tomar para evitar os soldados da Frelimo, mas como é óbvio de pouco serviu a sua «clarividência».

COMO SE QUEBROU A RESISTÊNCIA

No início do nosso encontro, o modo como resistia às nossas tentativas de contacto, as mentiras e desvios de conversa com que procurava enganar-nos, levou-nos a discutir entre nós se ela seria de facto zimbabweana. Ela pronuncia o seu nome, Emilia, à portuguesa.

Entretanto serviram-nos chá e bolachas. E quando as oferecemos à menina de oito anos e ao rapazinho que talvez tenha quatro — as declarações da mãe são incoerentes — eles bateram palmas duas vezes antes de aceitar. A nossa intérprete exclamou:

«São mesmo zimbabweanos!»

A curandeira tomou chá, comeu bolachas e aceitou os nossos cigarros. Mas foi dizendo que quando não tinha bebida (bebidas alcoólicas), fumo (suruma?) ou rapé, sentia-se doente. Por isso mandá-mos vir cerveja para ela.

Aparentemente a cerveja não é bebida que agrada muito ao seu paladar. Mas ao fim de dois copos já falava mais e sobretudo ria-se. Começou a tornar mais humana e confessou mesmo: «Se estou assim magra é porque tenho saudades da machamba que deixei em Chirimandze.» E repetiu várias vezes: «Quero voltar para o Zimbabwe.»

Ela e as crianças foram encontradas cobertas de farrapos e foram vestidos e calçados de novo, à sua chegada a Maputo. Os filhos, sobretudo Nyamuzai, a primeira, estão com bom aspecto e são comunicativos. Nyamuzai aliás serviu-nos várias vezes para confirmar algumas afirmações da mãe. Segundo a nossa intérprete falam macarranga, língua próxima do shona e «ximanica.»

Com a língua já solta, a curandeira falou e mostrou-se uma pessoa bastante informada e com opiniões sobre questões políticas do seu país. Deixou acima de tudo a impressão de que sabe mais do que aquilo que quer dizer, principalmente no que se refere à sua ligação com os bandos armados.

Finalmente e com a boa disposição, a repulsa pelo fotógrafo desapareceu. À saída já fazia pose para a objectiva. Antes de nos despedirmos perguntámos:

— Já consultou os espíritos para saber como vai ser a sua vida?

— Vejo tudo no espelho. Vejo que não me querem fazer mal e que vou fazer boa viagem.